

Música: Nova geração que mistura MPB e pop se firma na parada • 5

SEGUNDO CADERNO

Cinema: Travolta diz que impôs roteiro para fazer 'Phenomenon' • 12

SÁBADO, 6 DE JULHO DE 1996

Vinte e cinco anos sem o rei do jazz

Genialidade de Louis Armstrong segue sem um sucessor à altura

Sérgio Augusto

De vez em quando ele resuscita num comercial da TV. Volta e meia ouvimos sua voz no rádio (cantando, quase sempre, "What a wonderful world") ou numa comédia de Woody Allen (enriquecendo a trilha sonora com algum clássico indiscutível). É pouco. Merecíamos mais, muito mais Louis Armstrong em nosso cotidiano musical. E hoje mais do que nunca, pois hoje faz 25 anos que ele chegou no céu e anunciou: "Folks, now you has jazz". Nesses últimos 25 anos, o jazz perdeu o seu segundo gênio do trompete, Miles Davis, morto em 1991, depois o terceiro, Dizzy Gillespie, finado em 1993, mas em compensação fez de outro trompetista, Wynton Marsalis, o mais popular (e anfíbio) jazzista das últimas décadas — talvez, mesmo, o mais bem-sucedido *jazzman* desde Armstrong. Desde Armstrong, mas não da mesma estatura. E Marsalis é o primeiro a reconhecer a diferença: "Ele foi o rei".

Miles Davis também se curvou: "Não há nada que saia de um trompete que ele não tenha tocado antes". Gillespie não fez por menos: "No him, no me" ("Sem ele não haveria eu"). Bing Crosby, um dos cantores confessadamente influenciados por Armstrong, radicalizou: "Ele foi o princípio e o fim da música americana". O princípio do jazz, sem dúvida, ele foi, superando seus mestres na corneta, Buddy Bolden e King Oliver, e entrando para a História como o primeiro solista de uma *jazz band*. *Continua na página 4*

Montreux reúne Maria Bethânia, Milton e Zizi

'Noite brasileira' da 30ª edição do festival tem ainda um tributo a Elis

Mauro Ferreira

A já tradicional "Noite brasileira" do Festival de Montreux acontece hoje, reunindo Maria Bethânia, Milton Nascimento, Zizi Possi e César Camargo Mariano. A festa deste ano é especial, pois a noite completa 20 anos de existência enquanto o festival suíço entra em sua 30ª edição. Coube ao produtor Mazzola organizar a noite brasileira, que começa com um tributo a Elis Regina. O pianista César Camargo Mariano, que foi casado com a cantora nos anos 70, se junta a seu filho Pedro para homenagear Elis com uma seleção de sucessos da artista.

Depois do tributo a Elis, quem sobe ao palco é Milton Nascimento, que faz um apanhado de sua carreira em roteiro baseado no recente show "Amigo". Há ainda a possibilidade de um dueto de Milton com Bethânia, encerrando a noite. Os dois deverão apresentar "Canções e momentos", música de Milton gravada por Bethânia no disco "Dezembros", de 1986. Bethânia — considerada a maior estrela da noite, por ser o único grande nome da MPB que nunca cantou em Montreux — recebe uma convidada especial durante o seu show, Zizi Possi, para alguns duetos.

Na noite de amanhã, tem mais Brasil no festival, que está orçado em US\$ 7 milhões e se encerra no dia 20. A "Fest'In Bahia" reúne Armandinho, Dodô & Osmar, Pepeu Gomes, Simone Moreno e as bandas Relógio e Cheiro de Amor. ■



GERALD THOMAS acalenta Zé Celso. Embora o primeiro se diga cerebral, e o segundo veja o cérebro como uma víscera, os diretores apontaram mais semelhanças do que diferenças

Deuses de areia

Em cartaz no Rio, Gerald Thomas e Zé Celso se dizem complementares

Luiz Fernando Vianna

É noite e faz um pouco de frio na Praia de Copacabana. Não tão frio a ponto de alguém se manter de capote longe do mar, mas o suficiente para desencorajar qualquer devoto de lemanjá. No entanto, José Celso Martinez Corrêa, 59 anos, tira sapatos e meias e molha seus pés nas águas da outrora princesinha. Nem esse estímulo provoca baixas na indumentária a la Humphrey Bogart de Gerald Thomas, 41 anos, e ele continua atrás do limite imaginário que estabeleceu na areia. A diferença de altitudes registrada no final do encontro promovido pelo GLOBO indica estilos também diferentes de se fazer teatro. Graças ao festival Rio Cena Contemporânea, o público carioca poderá constatar

isso hoje e amanhã: Gerald apresenta "Nowhere man" no Teatro Nelson Rodrigues, e Zé Celso faz o ritual "Bacantes" no Teatro Armazém.

— Sempre quis expor meu cérebro no palco — racionaliza Gerald. — Tenho muito interesse pela maneira sublime, metafórica, metafísica, filosófica, teosófica e teocrática pela qual o cérebro faz o acesso e a avaliação de tudo. Parece que há uma sociedade ali dentro. Sempre gostei do palco como lugar de princípios, sem meios nem fins. Eu me liguei mais nisso do que nas coisas que o Zé busca.

— O cérebro é uma víscera, faz parte do nosso corpo e do corpo social — *patologiza* o supracitado Zé. — O teatro é o lugar do cérebro estendido, do corpo todo, do público, da sociedade, do corpo sem órgãos, como dizia Artaud.

Posto assim, pode-se recorrer a deuses que são caros a Zé Celso e dizer que é um encontro entre o cirúrgico Apolo e o orgiástico Dioniso. Mas, desde a mitologia grega, esses deuses são complementares, dão-se as mãos. Zé Celso pega a de Gerald e, não aceitando que o amigo use como desculpa para o seu recato o fato de ter chegado no mesmo dia da sisuda Alemanha, grita andando pela praia:

— Você não é alemão, é carioca, é sambista. E canta "Ela é carioca", de Tom e Vinícius, arrancando do amigo alguns passos manemolentes. — Gerald é um dos raros diretores brasileiros que eu gosto de pegar, abraçar — tinha dito Zé Celso pouco antes, na mesa de um restaurante de hotel. — Quem são os outros? — finge-se de ciumento Gerald, de garfo em punho. *Continua na página 2*